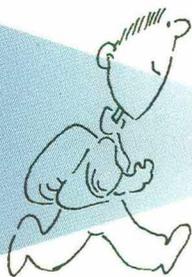


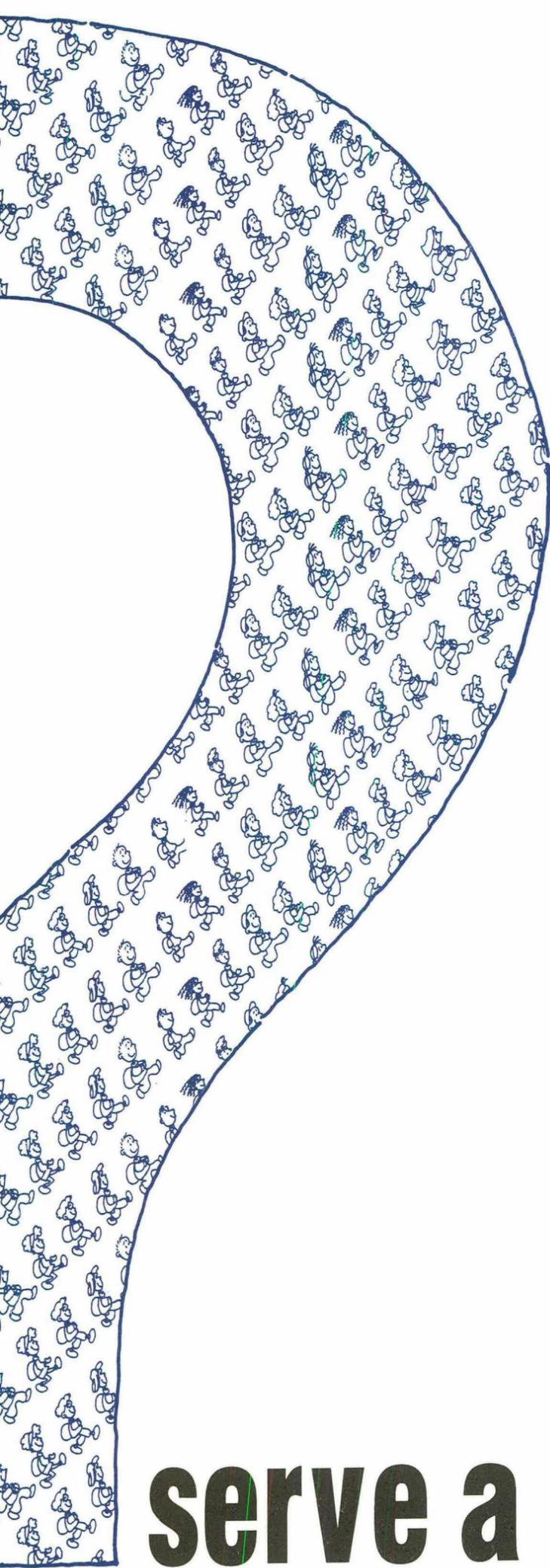
1

A ESCOLA E SUA FUNÇÃO SOCIAL



RAÍZES
E **ASAS**





serve a escola?

sonho

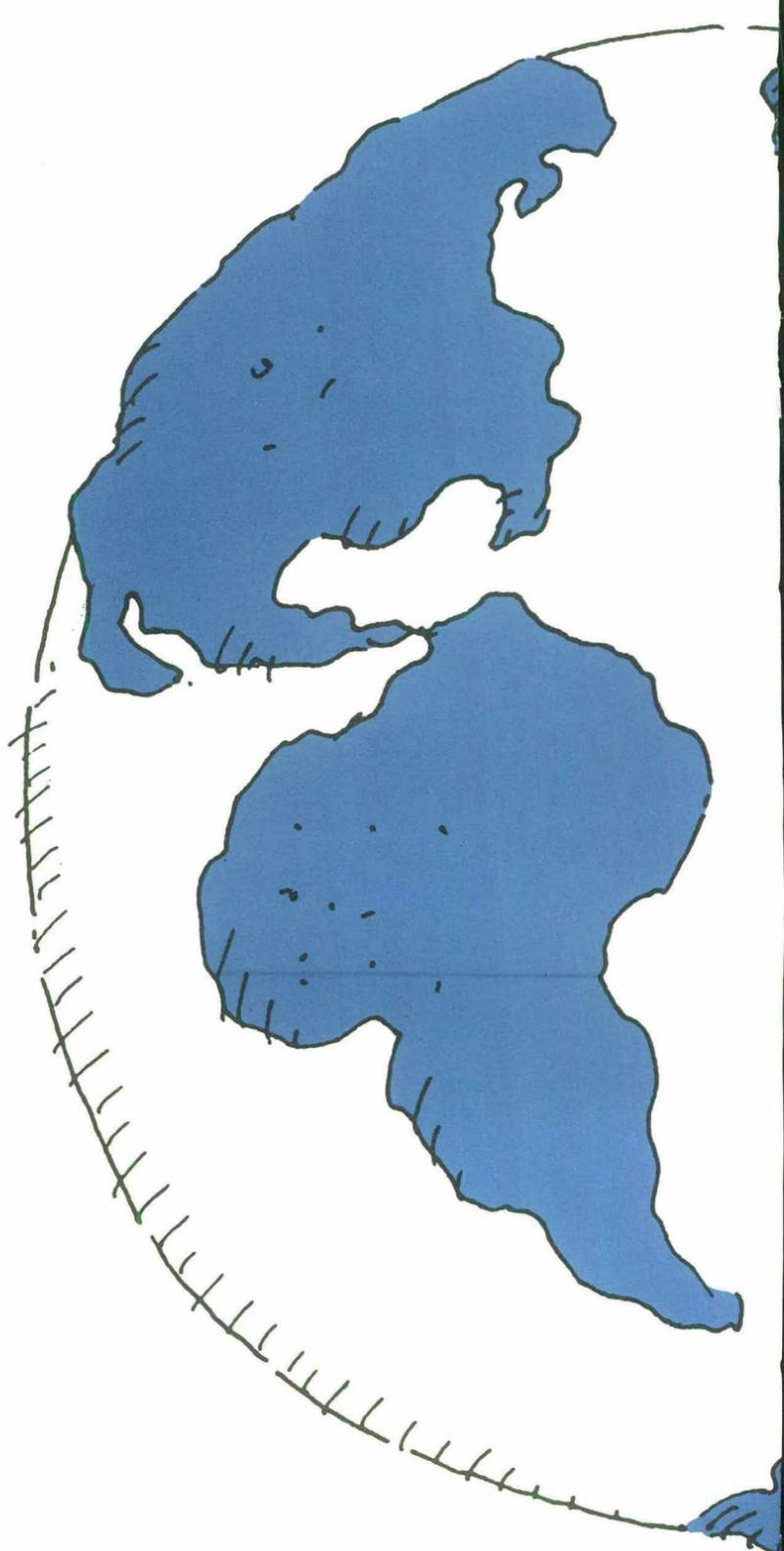
os curriculares

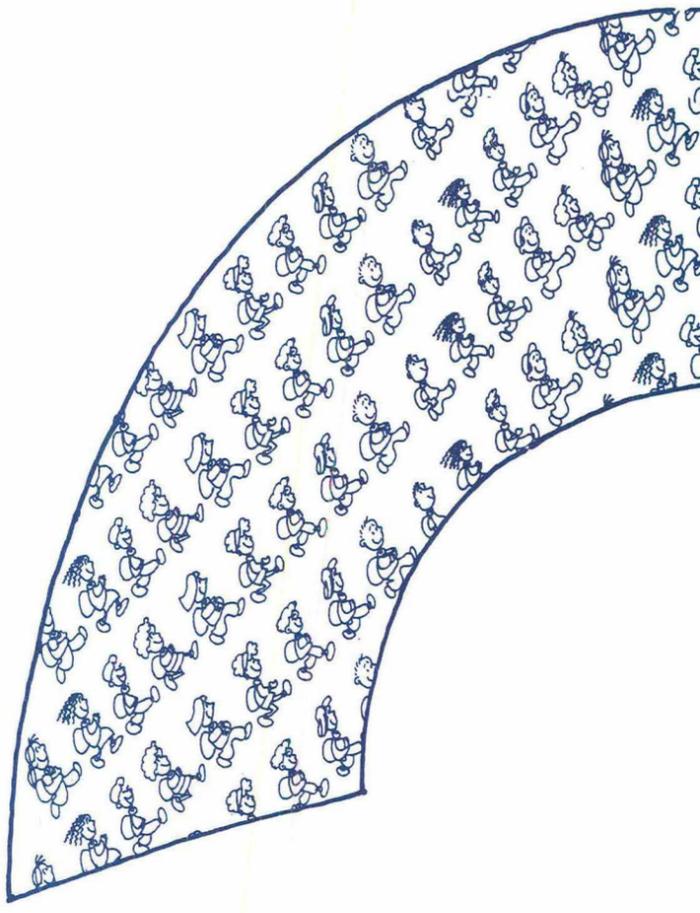
a → prática

resultados

FUNÇÃO SOCIAL

com o currículo e os olhos





afinal, para que

rotina

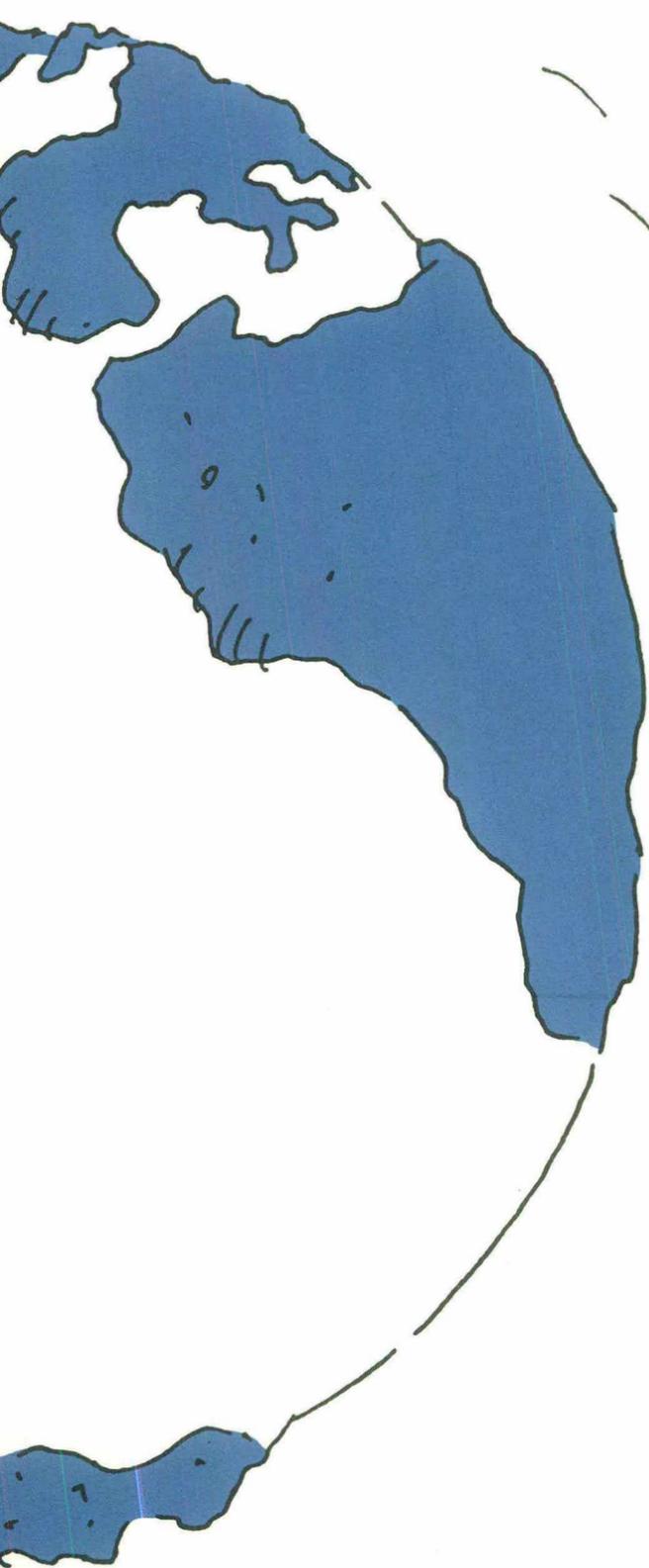
realidade → cont

prática → te

objetivos -



lo nas mãos no mundo



UNÇÃO SOCIAL
OS CURRICULARES



Prefácio da 3ª edição

DESDE QUE FOI LANÇADO, EM MARÇO DE 1995, com sua linguagem clara e acessível que articula teoria e prática no trato do cotidiano escolar, o Raízes e Asas se constituiu em valioso material de apoio para educadores rumo à conquista de um padrão mais adequado de escolarização.

RAÍZES E ASAS antecipou, nos seus fascículos, algumas teses estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996, tais como: a gestão democrática e a autonomia da escola; o incentivo e a responsabilização dos atores internos da escola na elaboração de seu projeto pedagógico; o trabalho coletivo e a formação em serviço; o respeito à diversidade na aprendizagem e a avaliação contínua e formativa. Também reforçou princípios fundamentais do Estatuto da Criança e do Adolescente como a descentralização das políticas de atendimento à criança e ao jovem; a participação da população na definição desta política; a compreensão de que a criança e o jovem são cidadãos em desenvolvimento e prioridade absoluta da família, da sociedade e do Estado.

GRAÇAS À PARCERIA ENTRE A FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL, O UNICEF E O CENPEC, o Raízes e Asas alcançou milhares de escolas e comunidades em todo o Brasil. Mais de 50 mil exemplares já foram distribuídos até o momento e são usados por gestores dos sistemas públicos de ensino, professores de escolas públicas, educadores sociais de ONGs, pais e líderes comunitários.

A DIVERSIDADE DE SUA UTILIZAÇÃO DE NORTE A SUL DO PAÍS demonstra sua adequação como instrumento de reflexão e guia de ação. Subsidiava planos municipais de ensino e projetos de escola. Apoiava a habilitação e formação de professores leigos e a formação contínua de professores. Sustentava projetos educacionais de escolas, secretarias de educação, e ONGs. É indicado como bibliografia básica em concursos públicos para educadores, além de ser usado na formação inicial de professores nos níveis médio e superior e ainda para o desenvolvimento de trabalhos de aproximação da escola com as famílias dos alunos.

INICIALMENTE IDEALIZADO COMO MATERIAL DE APOIO À ESCOLA, o Raízes e Asas revela uma nova faceta: instrumento que facilita a mobilização e a integração entre os educadores do setor público e dos setores não governamentais, na definição de rumos para a educação de crianças e jovens nos municípios.

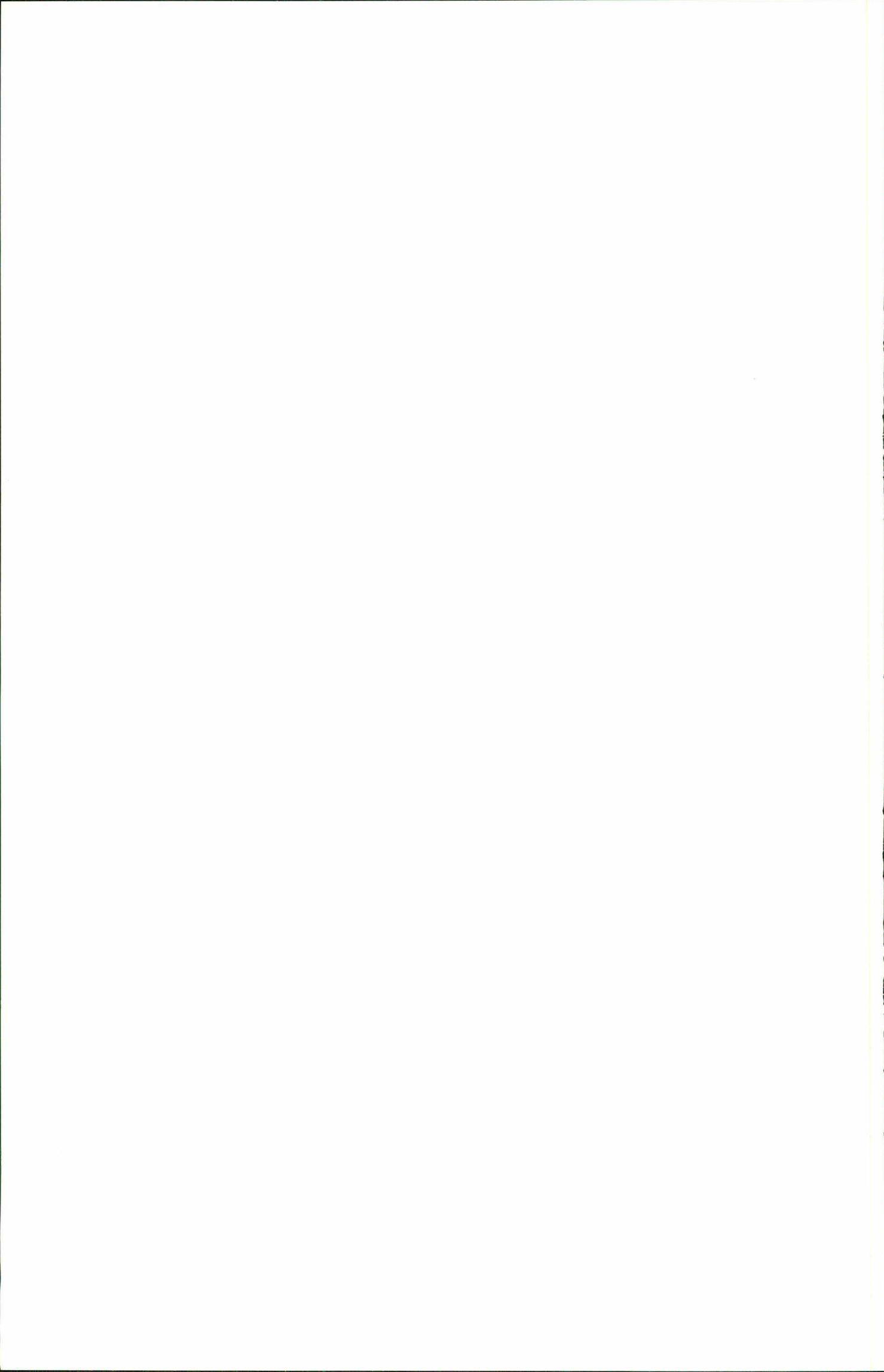
GRAÇAS À UNIVERSALIDADE E À ATUALIDADE DOS TEMAS TRATADOS NO RAÍZES E ASAS e, para atender à insistente demanda dos educadores de todo o país, os parceiros dessa publicação têm um grande satisfação ao relançar esta terceira edição.

Agosto 2003

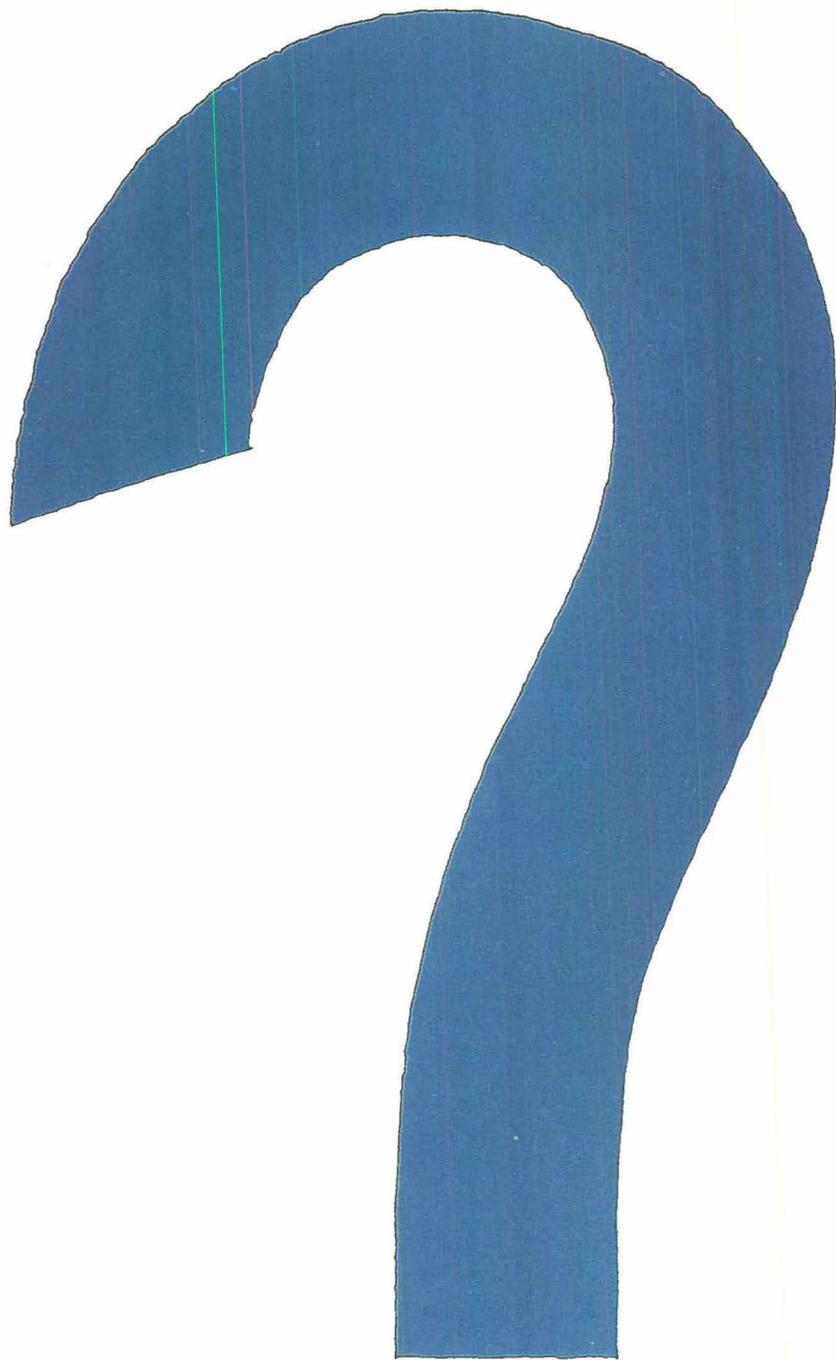


Fundação Itaú
Social





AFINAL, PARA QUE SERVE A ESCOLA



TER CLAREZA DA FUNÇÃO SOCIAL da escola e do homem que se quer formar é fundamental para realizar uma prática pedagógica competente e socialmente comprometida, particularmente num país de contrastes como o nosso, onde convivem grandes desigualdades econômicas, sociais e culturais.

FORMAR O CIDADÃO não é tarefa apenas da escola. No entanto, como local privilegiado de trabalho com o conhecimento, a escola tem grande responsabilidade nessa formação: recebe crianças e jovens por um certo número de horas, todos os dias, durante anos de suas vidas, possibilitando-lhes construir saberes indispensáveis para sua inserção social.

NO ENTANTO

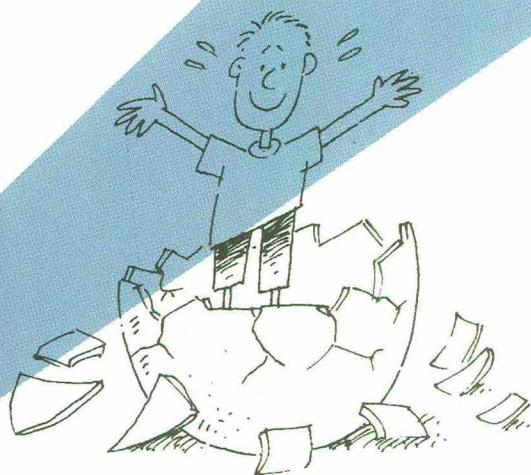


“ **E**xcluem-se da escola os que não conseguem aprender, excluem-se do mercado de trabalho os que não têm capacidade técnica porque antes não aprenderam a ler, escrever e contar e excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania esses mesmos cidadãos, porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa. ”

Vicente Barreto



O QUE CABE À ESCOLA FAZER?



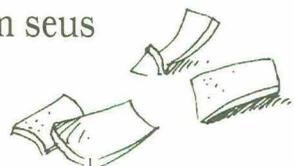
À ESCOLA CABE ENSINAR, isto é, garantir a aprendizagem de certas habilidades e conteúdos que são necessários para a vida em sociedade. Nesse sentido, como ela pode contribuir no processo de inserção social das novas gerações? — oferecendo

instrumentos de compreensão da realidade local e, também, favorecendo a participação dos educandos em relações sociais diversificadas e cada vez mais amplas. A vida escolar possibilita exercer diferentes papéis, em grupos variados, facilitando a integração dos jovens no contexto maior.

NESSA PERSPECTIVA, as crianças não podem ser tratadas apenas como “cidadãos em formação”. Elas já fazem parte do corpo social e, por isso, devem ser estimuladas a exercitar sua condição de cidadania, desenvolvendo expectativas e projetos em relação ao conjunto da sociedade.

É PRECISO QUE A ESCOLA traga para dentro de seus espaços o mundo real, do qual essas crianças e seus professores fazem parte. Ela não pode fazer de conta que o mundo é harmonioso, que não existem a devastação do meio ambiente, as guerras, a fome, a violência, porque tudo isso está presente e traz conseqüências para o momento em que vivemos e para os momentos futuros.

COMPREENDER E ASSUMIR o tempo presente, com seus problemas e necessidades, é uma forma de gerar alternativas humanizadoras para o mundo.







Em Rio Branco, no Acre, a Escola Estadual Senador Adalberto Sena desenvolve um projeto de preservação do meio ambiente junto à comunidade, em parceria com a S.O.S. Amazônia, organização não-governamental.

O Projeto de Coleta Seletiva e Tratamento do Lixo teve início na escola com projeção de vídeos e palestras sobre problemas do meio ambiente, particularmente a respeito do lixo doméstico que se acumulava em vários pontos do bairro. Alunos e professores visitaram o lixão da cidade e locais de reaproveitamento do lixo, percebendo as conseqüências para o ambiente quando não é tratado, assim como o barateamento no custo de produtos feitos com material reciclado.

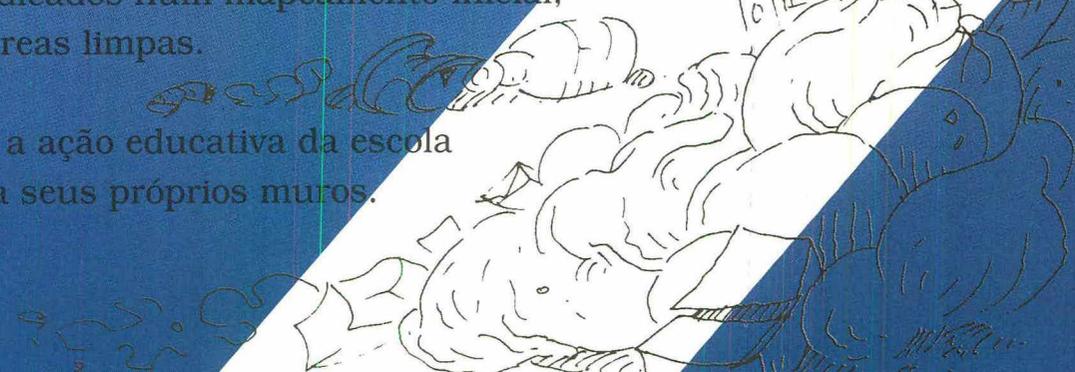
Os moradores foram sendo envolvidos gradativamente no projeto, através de cartas e do contato direto com os alunos.



No início, estes traziam o lixo reaproveitável para a escola; hoje a coleta é feita nas casas por um funcionário da prefeitura. O material, organizado e registrado, é em parte vendido, para ser reaproveitado. Outra parte é reutilizada na própria escola, em uma oficina de reciclagem do papel; sacos plásticos servem para plantar mudinhas, num trabalho orientado pelos coordenadores de Educação Ambiental, que desenvolvem semanalmente, em todas as classes, atividades ligadas ao projeto.

Alguns efeitos já são visíveis, tanto no aspecto geral da escola, limpa e rodeada de mudas de árvores, quanto no bairro: vários pontos de lixo, indicados num mapeamento inicial, hoje são áreas limpas.

Com isso, a ação educativa da escola ultrapassa seus próprios muros.



“N ão serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente,
os homens presentes, a vida presente.”

Carlos Drummond de Andrade



PARA CUMPRIR SUA FUNÇÃO SOCIAL, a escola precisa considerar as práticas de nossa sociedade, sejam elas de natureza econômica, política, social, cultural, ética ou moral. Tem que considerar também as relações diretas ou indiretas dessas práticas com os problemas específicos da comunidade local a que presta serviços.

POR ISSO, é fundamental conhecer as expectativas dessa comunidade, suas necessidades, formas de sobrevivência, valores, costumes e manifestações culturais e artísticas. É através desse conhecimento que a escola pode atender a comunidade e auxiliá-la a ampliar seu instrumental de compreensão e transformação do mundo.

A ESCOLA PODE ser concebida como um pólo cultural, onde o conhecimento já sistematizado pela humanidade é socializado e trabalhado de forma não fragmentada, vinculado à realidade, proporcionando a ampliação das possibilidades culturais dos alunos e da comunidade, através do debate das principais questões locais e nacionais.

É PRECISO FIXAR RAÍZES, ou seja, promover a identidade cultural do aluno, inserindo-o no mundo em que vive.

E É PRECISO CRIAR ASAS para que ele possa voar e, assim, ver e pensar a realidade como um todo, com um certo distanciamento, de forma autônoma, única possibilidade de transformá-la.

*O pensamento parece uma coisa à toa,
mas como é que a gente voa
quando começa a pensar...*

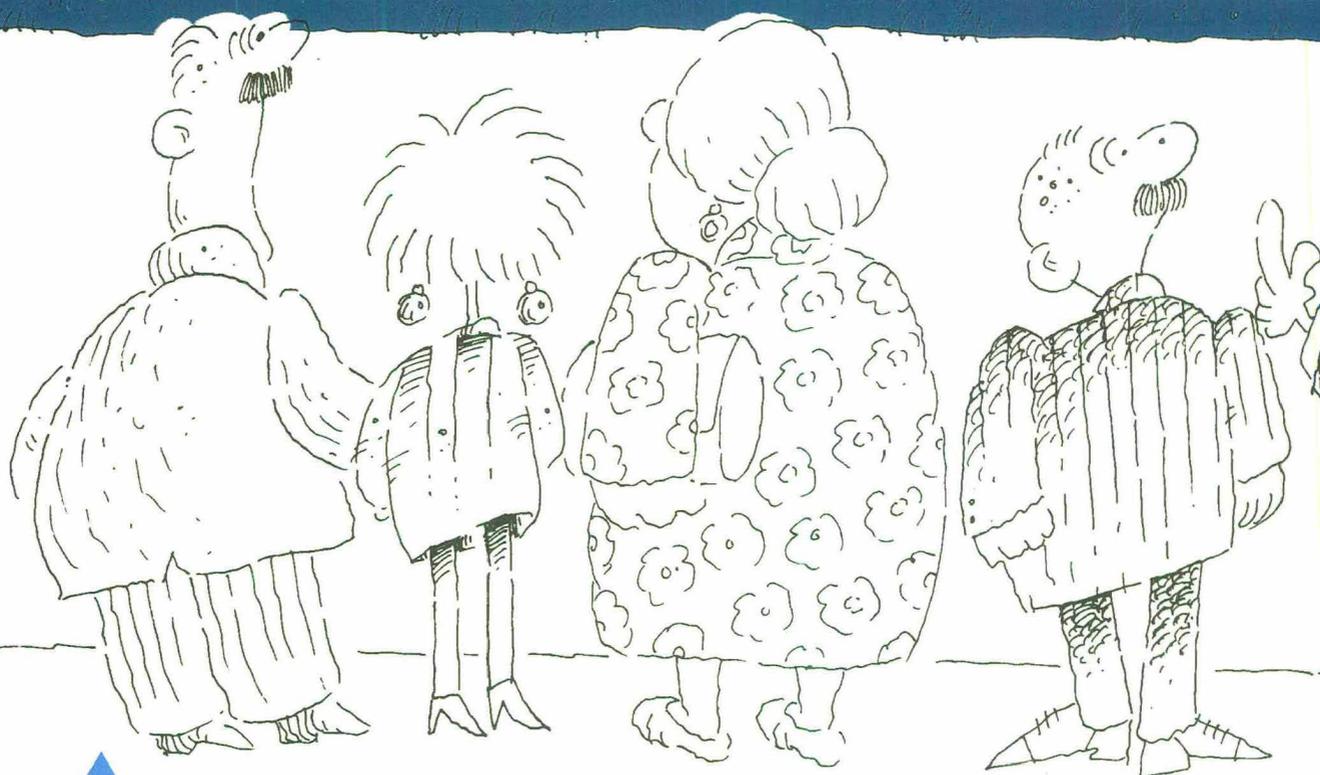
PARA INICIAR uma reflexão conjunta, na escola, sobre sua função:

1 PARA QUE SERVE
A ESCOLA, OU SEJA,
QUAL SUA FUNÇÃO
SOCIAL? O GRUPO
DE PROFESSORES JÁ
DISCUTIU ISSO?

3 A AÇÃO
PEDAGÓGICA QUE
VEM SENDO
DESENVOLVIDA NA
ESCOLA PRETENDE
O QUÊ?

2 O QUE PENSA
CADA PROFESSOR
A RESPEITO?

4 COMO OS ALUNOS
TÊM SE BENEFICIADO
DA AÇÃO DA ESCOLA?



OS QUE **5** ENTRARAM
NA 1ª SÉRIE
ALCANÇARAM AS
SÉRIES FINAIS? COMO
ESTÃO NOSSOS
ÍNDICES DE EVASÃO
E REPETÊNCIA?

A **6** COMUNIDADE
LOCAL ESTÁ SE
BENEFICIANDO DO
CONHECIMENTO
VEICULADO
E TRABALHADO
NA ESCOLA?

EM QUE **7** MEDIDA
A ESCOLA ESTÁ
CUMPRINDO
SEU PAPEL?

ESSA REFLEXÃO pode e deve ser ampliada com outras pessoas ou instituições que vêm se preocupando com essas questões e já têm algum acúmulo de conhecimento sobre o assunto. É importante que as discussões travadas no interior da escola estejam ancoradas nos dados da realidade do país.

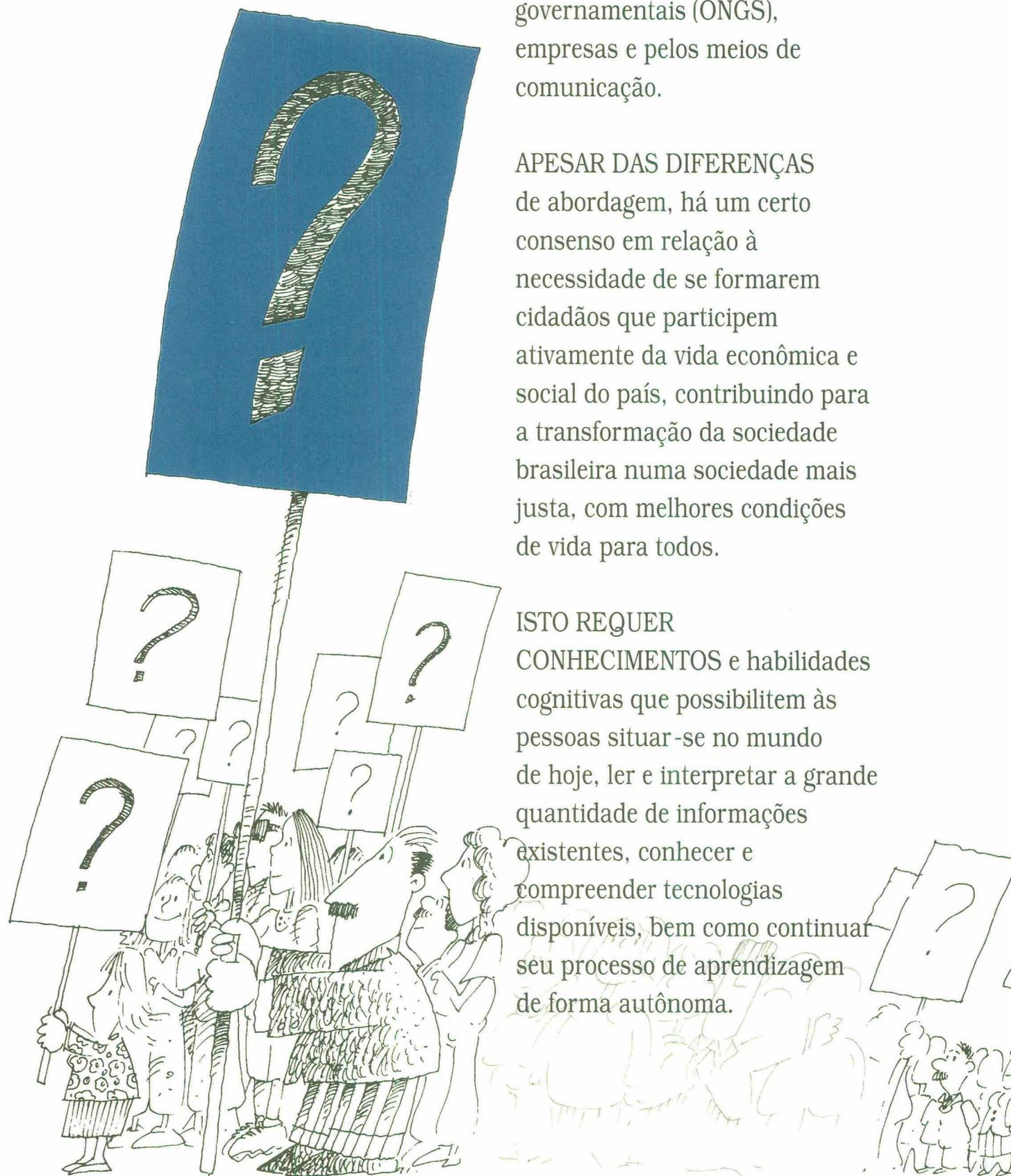


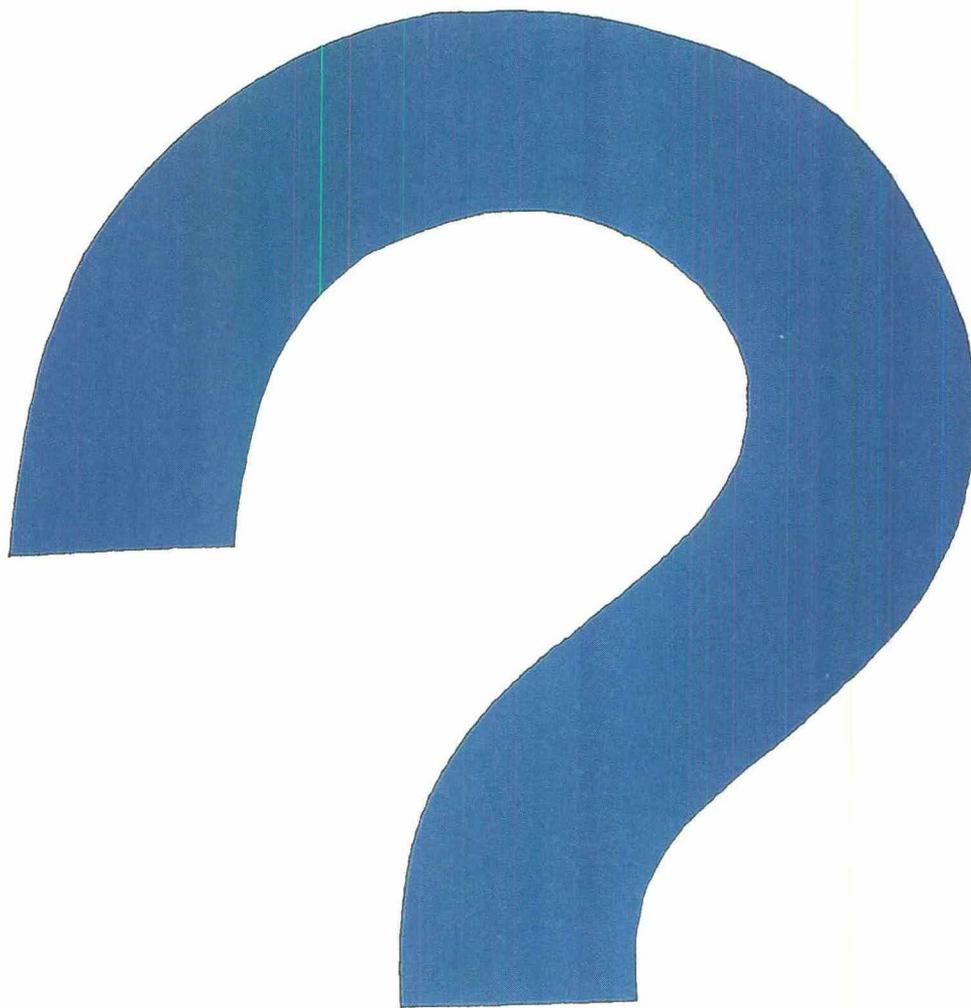
O QUE A SOCIEDADE ESPERA DA ESCOLA?

ESSA QUESTÃO está sendo amplamente debatida hoje por educadores, pelas universidades, por organizações não-governamentais (ONGS), empresas e pelos meios de comunicação.

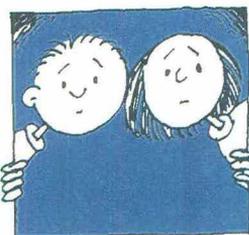
APESAR DAS DIFERENÇAS de abordagem, há um certo consenso em relação à necessidade de se formarem cidadãos que participem ativamente da vida econômica e social do país, contribuindo para a transformação da sociedade brasileira numa sociedade mais justa, com melhores condições de vida para todos.

ISTO REQUER CONHECIMENTOS e habilidades cognitivas que possibilitem às pessoas situar-se no mundo de hoje, ler e interpretar a grande quantidade de informações existentes, conhecer e compreender tecnologias disponíveis, bem como continuar seu processo de aprendizagem de forma autônoma.





COMO A ESCOLA PÚBLICA RESPONDE A ESSA EXPECTATIVA?



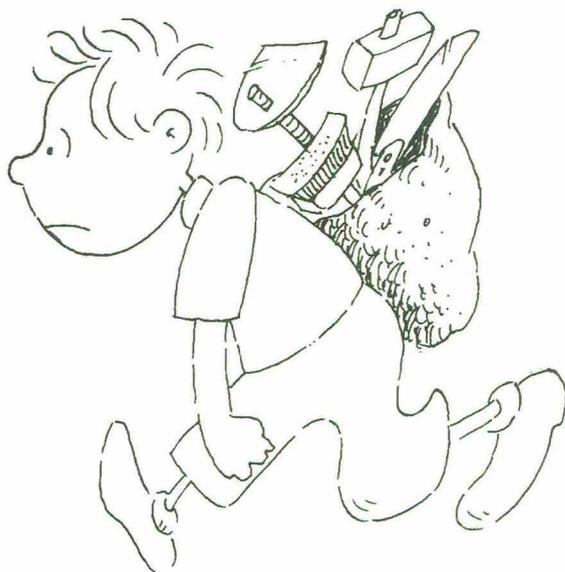
A ESCOLA PÚBLICA brasileira não consegue sequer atender aos dispositivos constitucionais que garantem escolaridade à população dos 7 aos 14 anos. Ainda hoje, há muitas crianças e jovens que não têm acesso a ela; e uma grande parte dos que conseguem entrar são excluídos, depois de sucessivas repetências.

A ESCOLA É RESPONSÁVEL por isso: ao manter esses mecanismos de seletividade e, também, ao passar uma visão de mundo ingênua e permeada de preconceitos, a escola revela sua face cruel, confirmando a desigualdade social. Nesse caso, não se compromete realmente com a aprendizagem de todos os alunos e não realiza sua função social. É preciso, e possível, reverter essa situação.

**A ESCOLA É
RESPONSÁVEL**



A ESCOLA NÃO PODE FAZER TUDO SOZINHA



A SUPERAÇÃO DOS PROBLEMAS de nosso país não é tarefa de uma única instituição social, mas da Nação como um todo, através da definição de um projeto político, econômico e social que vise a melhoria das condições de vida da população e seu acesso aos bens socialmente produzidos, incluindo o conhecimento elaborado.

A ESCOLA NÃO
É A ÚNICA
RESPONSÁVEL

A ESCOLA NÃO PODE TUDO sozinha. Tem limites claros. Ela não existe isoladamente, mas faz parte de um sistema público que tem a responsabilidade de lhe dar sustentação para que possa cumprir sua função.

“DAR SUSTENTAÇÃO” à ação, no entanto, não quer dizer tutelar a ação. A escola só pode cumprir seu papel de forma competente se tiver autonomia. Isto é, se os que nela atuam e os que dela se beneficiam puderem definir e construir seu próprio caminho pedagógico, condição fundamental para que se sintam comprometidos com ele.

MAS É PRECISO CUIDADO também para não cometer um outro equívoco. Não se pode confundir autonomia com abandono ou “vale-tudo”.



É FUNDAMENTAL que o poder público estabeleça uma política educacional clara, com objetivos bem definidos, que garanta atendimento escolar de boa qualidade a toda a população e, ao mesmo tempo, respeite as diversidades sócio-culturais. É preciso investir continuamente nessa política, garantindo infra-estrutura de funcionamento às escolas, condições dignas de trabalho e salário para os educadores e programas de capacitação constantes. Além disso, devem ser abertos canais de participação das escolas e da população na definição ou na reorientação dessa política.

O PODER PÚBLICO É RESPONSÁVEL

PARA A IMPLANTAÇÃO dessas medidas, torna-se necessária uma revisão das estruturas burocrático-administrativas do sistema, que muitas vezes inviabilizam a elaboração de projetos pelas escolas.

O DESENVOLVIMENTO DESSES PROJETOS permite uma ação pedagógica mais realista e democrática, na medida em que atende tanto às especificidades da comunidade local quanto às demandas da sociedade brasileira e do mundo de hoje.

ASSIM, É RESPONSABILIDADE de todos os segmentos sociais, adeptos de uma sociedade democrática, exigir o cumprimento, pelo Estado, dos dispositivos legais referentes à educação. E é papel das comunidades locais participar nas decisões relativas aos rumos, diretrizes e organização de suas escolas, como forma de garantir uma educação de qualidade que possa ter continuidade, mesmo com as mudanças que ocorrem no quadro político.

OS VÁRIOS SEGMENTOS SOCIAIS TAMBÉM SÃO RESPONSÁVEIS

A ESCOLA NÃO PODE TUDO SOZINHA,



MAS ESTÁ FAZENDO TUDO O QUE PODE?

A FALTA DE CLAREZA sobre os pontos de partida e de chegada da ação educativa pode gerar dispersão de esforços e ações desarticuladas da equipe escolar.

POR RAZÕES HISTÓRICAS, os educadores não se vêem como sujeitos do seu trabalho, capazes de interferir nos rumos da educação que produzem. Afinal, alguém sempre decidiu por eles, cabendo-lhes apenas a execução das decisões.

NO INTERIOR DAS ESCOLAS, raramente se discute sua função social e o papel dos professores enquanto grupo e enquanto pessoas condutoras do processo pedagógico.

MAS, REFLETIR é preciso...

REFLETIR SOBRE A AÇÃO e seus limites é o começo da possibilidade de mudança.



CONTINUANDO A REFLEXÃO CONJUNTA, na escola...

Sobre a escola e sua função

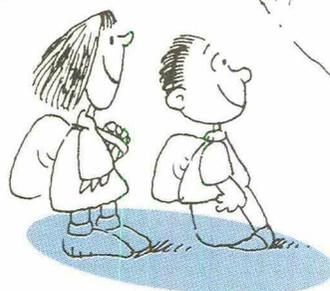
A QUEM SERVE
A ESCOLA EM QUE
TRABALHAMOS?

QUEM SÃO
NOSSOS ALUNOS?
QUE EXPERIÊNCIAS,
VIVÊNCIAS E
CONHECIMENTOS
TÊM?

QUE OBJETIVOS
TEMOS PROPOSTO
PARA ELES,
CONSIDERANDO A
REALIDADE DE SUAS
CONDIÇÕES DE VIDA
E A REALIDADE
DA VIDA
CONTEMPORÂNEA?

COMO É A
COMUNIDADE A
QUEM NOSSA ESCOLA
PRESTA SERVIÇOS:
QUAIS SEUS
COSTUMES,
SEUS VALORES
E OS PROBLEMAS
QUE ENFRENTA?

COMO NOSSOS
ALUNOS PODEM
INTERAGIR COM ELA,
COMO CIDADÃOS,
ENQUANTO
CRIANÇAS E JOVENS?



SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA e
sua relação com a função social da escola

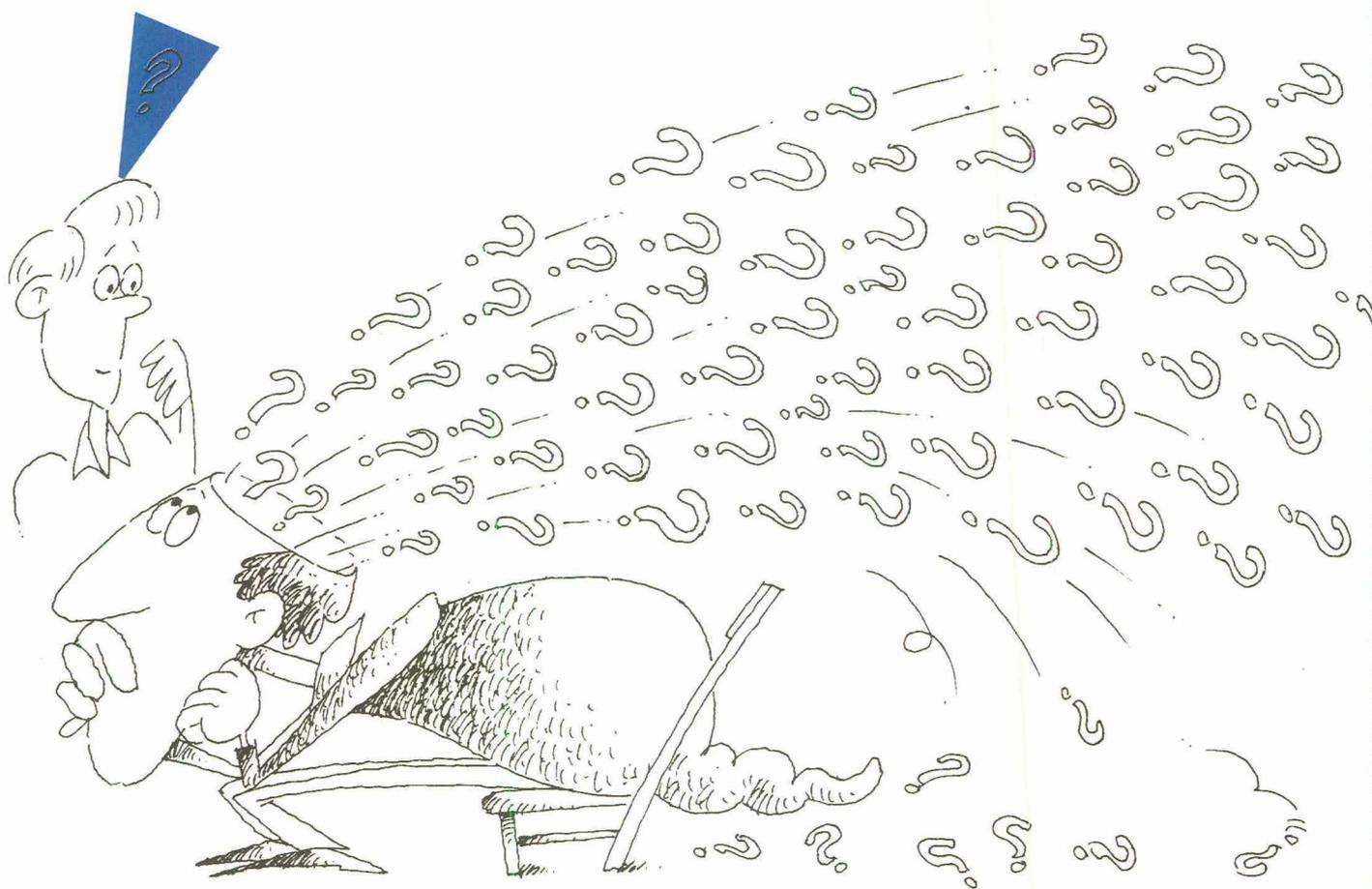
O TRABALHO QUE
DESENVOLVEMOS NO
DIA-A-DIA DA SALA
DE AULA ESTÁ
CONTRIBUINDO PARA
FORMAR QUE TIPO
DE HOMEM, MUNDO
E SOCIEDADE?

NA NOSSA ESCOLA
O ALUNO TEM VOZ?
TEM VEZ?
TEM ESPAÇO PARA
COLOCAR SUAS
OPINIÕES NA SALA DE
AULA? NO PÁTIO?
NA DIRETORIA?
NA SECRETARIA?

POR QUE,
EM NOSSA DISCIPLINA,
TRABALHAMOS AS
ATIVIDADES E OS
ASSUNTOS DO JEITO
QUE TRABALHAMOS?
COMO PENSAMOS
QUE OS ALUNOS
APRENDEM?

E OS PAIS,
PARTICIPAM
DAS DECISÕES
DA ESCOLA?
QUAIS? COMO?



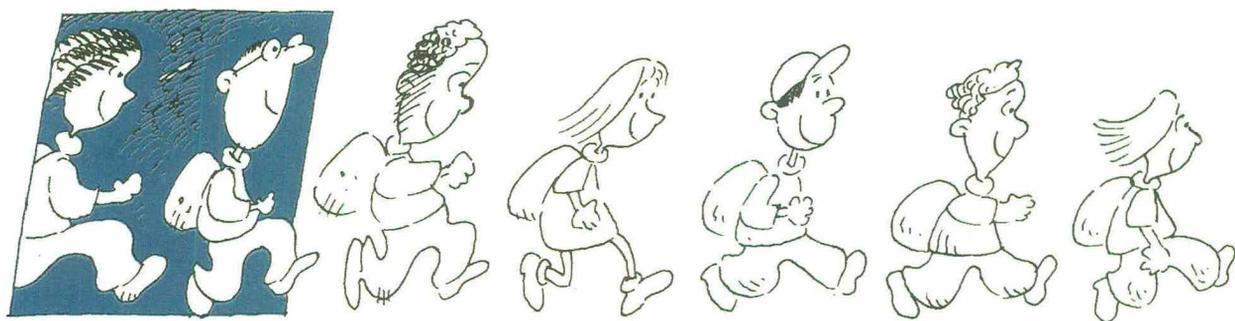
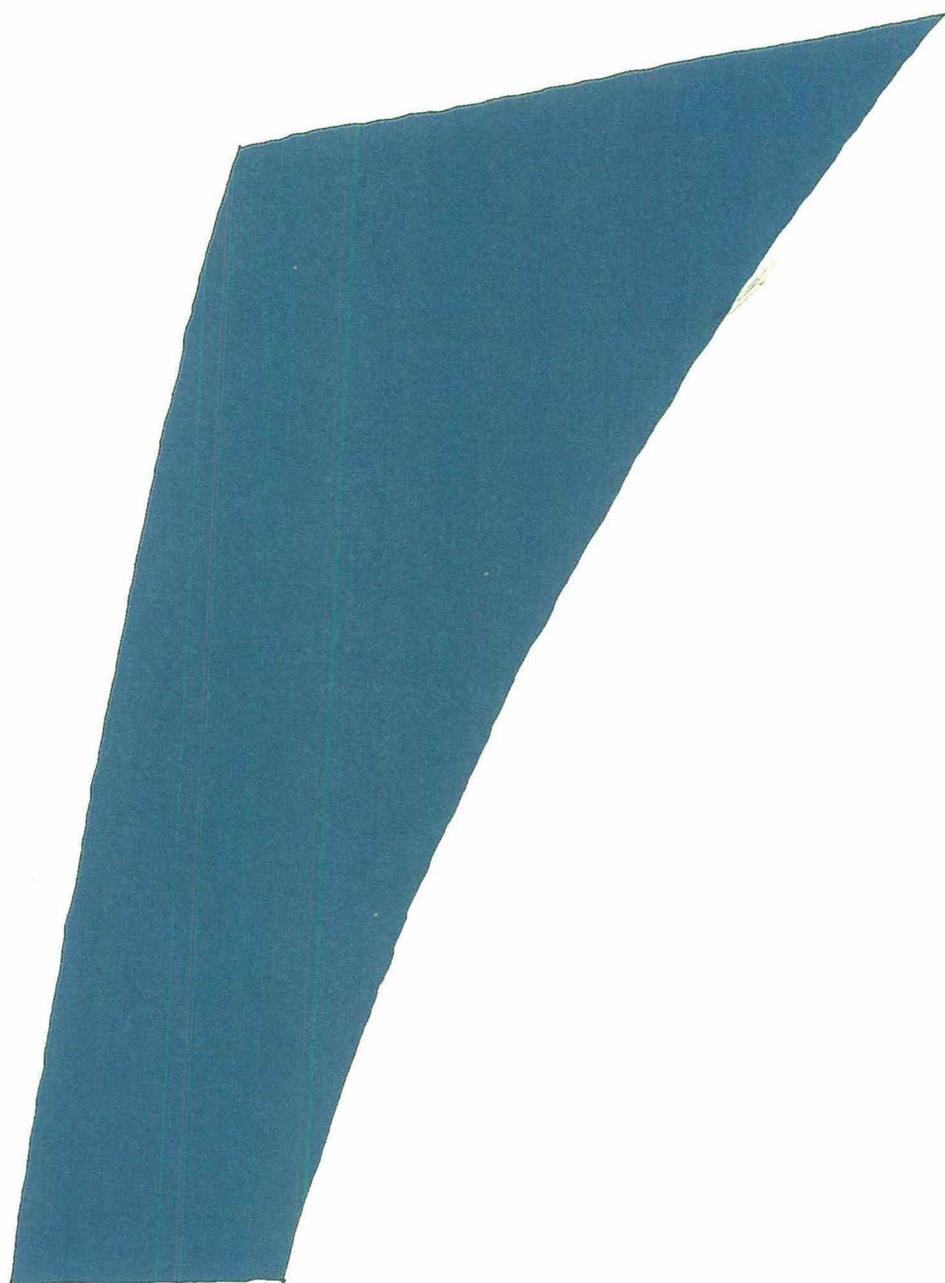


POR QUE tantas questões? Há necessidade, realmente, de nos fazermos tantas perguntas para dar aulas?

MESMO SEM PERCEBER com clareza, sempre tomamos posição a favor ou contra idéias, fatos, valores. Por isso, nossa ação, queiramos ou não, é sempre política. Tomar consciência e questionar nossa posição é sair do lugar de sujeito passivo e ocupar o lugar do sujeito que escolhe, com conhecimento dos vários aspectos envolvidos na situação que se apresenta. E com conhecimento, também, das nossas reais possibilidades e das possíveis conseqüências de nossas escolhas, pois qualquer ação nossa, individual ou coletiva, sempre tem uma conseqüência para nós mesmos, para os outros e para a sociedade.

À PRIMEIRA VISTA pode parecer que as ações individuais não têm efeitos positivos ou negativos sobre a sociedade. No entanto, refletindo um pouco, verificamos que as ações sociais mais amplas se sustentam nas ações individuais. É através das relações entre as pessoas, no dia-a-dia, que se cristalizam ou se modificam hábitos, atitudes, valores. Daí a importância de pensar como são essas relações e o que se quer com elas.

AFINAL, A ESCOLA SERVE PARA...



... ENSINAR CONTEÚDOS E HABILIDADES necessárias à participação do indivíduo na sociedade.

ATRAVÉS DE SEU TRABALHO específico, a escola deve levar o aluno a compreender a realidade de que faz parte, situar-se nela, interpretá-la e contribuir para sua transformação.

A ESCOLA, então, é fundamental para a formação da cidadania. Por isso, nenhuma criança pode ficar excluída de seus benefícios.

TODAS TÊM O DIREITO a uma sólida formação escolar. Todas têm o direito de sonhar e perseguir seus sonhos, realizando projetos individuais e coletivos.

TRABALHAR NESSA DIREÇÃO é trabalhar para ...



... **CRIAR RAÍZES
E ASAS!**

CURRÍCULO E PARÂMETROS CURRICULARES



Paulinho da Viola



É ATRAVÉS DO QUE ELA TEM de mais específico — o trabalho com o conhecimento — que a escola concretiza sua função social. Esse trabalho se realiza pelo processo ensino-aprendizagem. E o que acontece nesse processo? A escola veicula, faz circular informações, promove e estimula o desenvolvimento de habilidades e operações de pensamento e a vivência de valores. Tais aprendizagens são organizadas no currículo escolar.



O CURRÍCULO, portanto, é mais do que uma simples lista de conteúdos.

**CURRÍCULO
NÃO É SÓ
CONTEÚDO**

Planejar o currículo implica tanto a escolha dos conteúdos de ensino quanto a organização de experiências e situações que garantam sua aprendizagem, o que significa dizer que inclui conteúdos e metodologias de ensino.

NA RELAÇÃO QUE SE ESTABELECE entre esses elementos, o currículo compõe um todo articulado e constitui o percurso de aprendizagens que o educando deve realizar.

ESSE PERCURSO não é estabelecido de forma neutra: desde a elaboração das amplas diretrizes nacionais do currículo até sua execução na escola, existem intenções. Estão sempre presentes a concepção que se tem da função social da escola e o tipo de formação que se pretende proporcionar aos educandos.

AO LONGO DA HISTÓRIA, já foi prioridade formar o soldado, o homem justo, o letrado, ou o trabalhador comportado e produtivo. Os currículos escolares, em conseqüência, enfatizaram em diferentes momentos, determinados conteúdos, habilidades e valores.

ISSO QUER DIZER QUE...

até a simples escolha dos conteúdos de ensino varia conforme o que se espera e deseja dos alunos em sua atuação na vida.



DO PONTO DE VISTA de uma pedagogia crítica e progressista, é importante que os educandos se apropriem de instrumentos de comunicação e de conteúdos culturais básicos para que entendam a sociedade em que vivem e possam transformá-la.

NESSA PERSPECTIVA, a instância mais legítima para nortear o trabalho curricular da escola é a própria sociedade, com suas práticas, seus problemas, sua realidade.

QUEM NORTEIA
O CURRÍCULO É
A PRÓPRIA
REALIDADE

PARA OS EDUCADORES, então, é fundamental discutir e refletir sobre o que e como estão ensinando, e sobre a importância ou relevância desses conteúdos e formas de atuação para a compreensão de mundo dos seus alunos. Só assim os professores podem planejar sua ação na sala de aula com maior clareza dos pontos de partida e de chegada.

TOMAR NAS MÃOS os rumos da escola e rever sua organização curricular é uma tarefa para os que nela atuam; só seus educadores podem concretizar um trabalho compatível com o que se espera da educação escolar.

ISSO NÃO TEM SIDO uma prática comum em nossas escolas, tradicionalmente acostumadas a receber e seguir programações e orientações prontas, elaboradas pelos técnicos dos órgãos oficiais da administração ou mesmo pelos autores dos livros didáticos.

ESSE DISTANCIAMENTO instalado entre planejar e executar, entre refletir e agir, tem favorecido a mecanização e repetição indefinida de ações, que acabam por se tornar anacrônicas e sem sentido no trabalho escolar.

É POSSÍVEL ROMPER com essa situação e organizar, na escola, um currículo que assegure, de fato, as aprendizagens fundamentais estabelecidas para o país e, ao mesmo tempo, se identifique com a realidade e a cultura locais.

COMO FAZER PARA MUDAR?

O PRIMEIRO PASSO é sempre olhar em volta e refletir sobre o que está sendo feito: buscar o significado dos conteúdos de ensino e das práticas que são desenvolvidas na escola.

OS PROFESSORES PODEM INTERFERIR NO CURRÍCULO?



ESSA REFLEXÃO vai indicar mudanças para favorecer aos alunos o domínio de conhecimentos relevantes e sua inserção num processo contínuo de indagação sobre “as coisas que estão no mundo e que é preciso aprender”.



BUSCAR O SIGNIFICADO dos conteúdos do ensino consiste em separar o joio do trigo: quer dizer, identificar os conteúdos relevantes para a compreensão do mundo e, também, identificar aqueles que carregam preconceitos e estereótipos — o que, aliás, é uma das mais fortes razões da crítica que se faz a muitos livros didáticos.

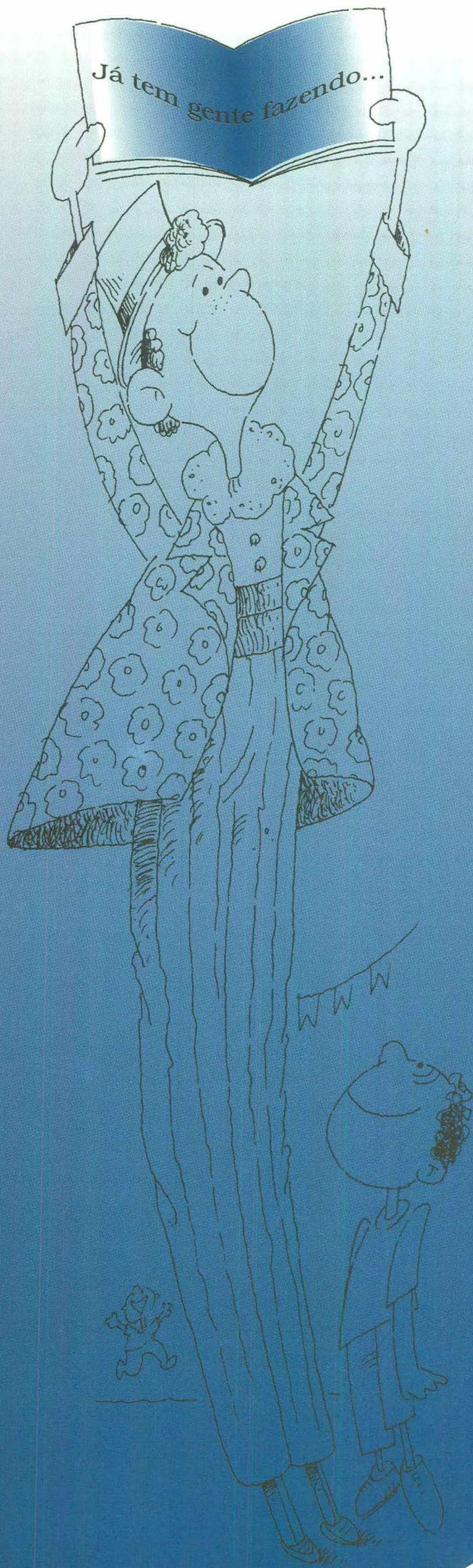
QUESTIONAR OS CONTEÚDOS DE ENSINO segundo sua relevância para iluminar a compreensão da realidade não é uma tarefa simples: exige dos professores muita clareza e domínio de sua área específica, assim como reflexão constante a respeito dos grandes desafios presentes na prática social contemporânea.

MUDAR NÃO É
TAREFA SIMPLES
NEM SOLITÁRIA

SÃO ESSES DESAFIOS DA PRÁTICA social, e as respostas que podemos dar a eles, que servirão como principais parâmetros ou eixos norteadores, para a seleção dos conteúdos curriculares.

ISSO É ESPECIALMENTE IMPORTANTE num país pobre como o nosso, onde, para grande parte da população, a escola representa a única fonte de cultura letrada, sendo, portanto, um dos raros espaços para exercitar o pensamento e a crítica.

DADA A SUA IMPORTÂNCIA e complexidade, selecionar e organizar os conteúdos de ensino não pode ser uma tarefa solitária. Essa é uma responsabilidade de toda a equipe de professores, que lhe dará corpo e sustentação através do intercâmbio de conhecimento, muito estudo e discussão.



No município de Ajuricaba (RS), adotou-se nas escolas rurais a proposta curricular "Aula Integrada", desenvolvida em parceria com a universidade: a partir de constatações e análises de fatos e fenômenos do dia-a-dia dos alunos, dos professores e da comunidade, buscam-se os conhecimentos científicos que os explicam, ampliando ou transformando a visão do senso comum.

Foram selecionados nove grandes temas, abrangendo os aspectos fundamentais da vida humana na região, que foram chamados Jogos da Vida: criação, plantação, alimentação, comercialização, industrialização, saúde, costumes, diversão e organização social.

Assim, ao mesmo tempo, a escola resgata a cultura popular – hábitos sociais, festas, músicas, técnicas de plantio, maneiras de comercializar etc. – e amplia o conhecimento dos alunos, através de explicações científicas e do estabelecimento das relações que esses fatos e fenômenos guardam com o contexto social mais amplo.



LEVAR EM CONTA A REALIDADE

O QUE QUER DIZER
EXATAMENTE BUSCAR
OS PRINCIPAIS
PARÂMETROS OU
EIXOS CURRICULARES
NA REALIDADE SOCIAL
CONTEMPORÂNEA?

DE UMA FORMA SIMPLES,
isso significa que questões como
saúde, trabalho, violência,
desigualdade social, miséria
e, também, os avanços da ciência
e da tecnologia,
os direitos humanos,
a proteção ou
a devastação do meio
ambiente são
problemas do nosso
tempo, atingem de alguma forma
nossa vida e não podem ficar do
lado de fora da escola.

É PRECISO
PARTIR DA
REALIDADE,
TRAZÊ-LA
PARA DENTRO
DA ESCOLA

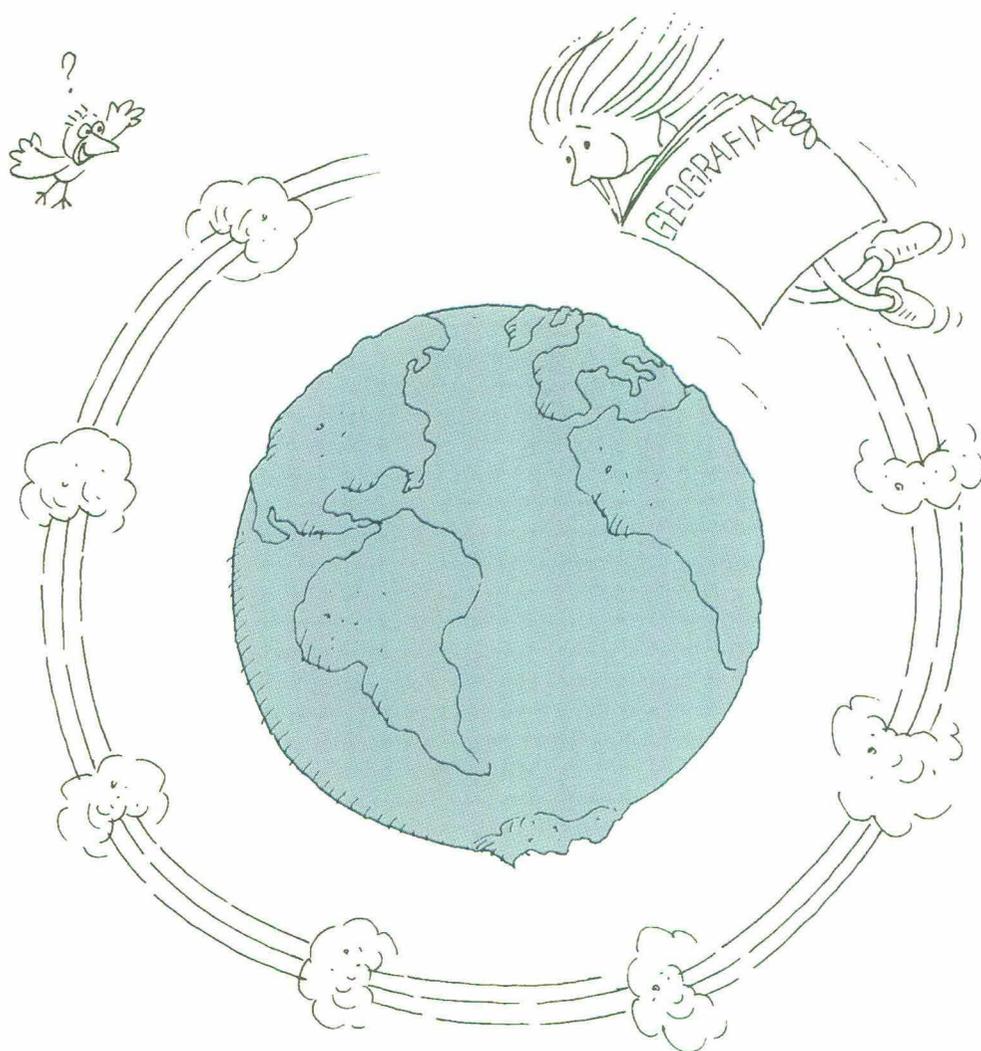
MAS NÃO SE TRATA de
aprender essas questões
de uma forma simples ou
corriqueira: é preciso ir além
e compreendê-las. Os vários
campos do conhecimento,
representados nas disciplinas
do currículo, é que poderão
fornecer instrumentos
para essa compreensão.



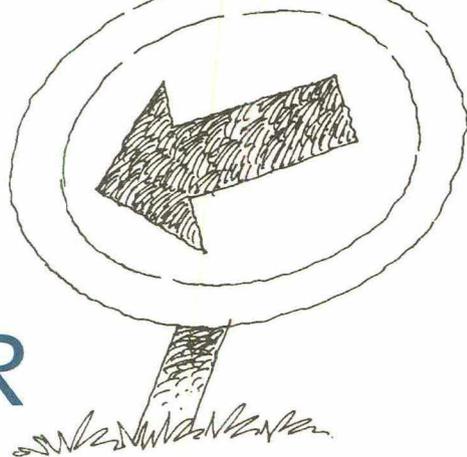
NÃO SE TRATA, portanto, de planejar e dar aulas sobre os problemas da sociedade contemporânea ou sobre os problemas imediatos que afligem a comunidade local. Tampouco é o caso de introduzir conteúdos a mais no currículo: trata-se de transformar o tratamento dado aos conteúdos sistematizados, de forma que os alunos possam fazer relações entre esses conteúdos e as questões mais gerais.

ASSIM, é no dia-a-dia da sala de aula, através das atividades das várias disciplinas, que o aluno pode ir construindo, gradativamente, sua compreensão de mundo.

AS CRIANÇAS APRENDEM MAIS e valorizam o trabalho da escola, quando o currículo leva em conta sua realidade. Quando perguntaram a uma aluna de 10 anos da Escola Aníbal César (Itajaí, SC) de quê ela mais gostava na escola, respondeu:
– *Geografia, porque é uma matéria que a gente tem coisas do mundo para aprender.*



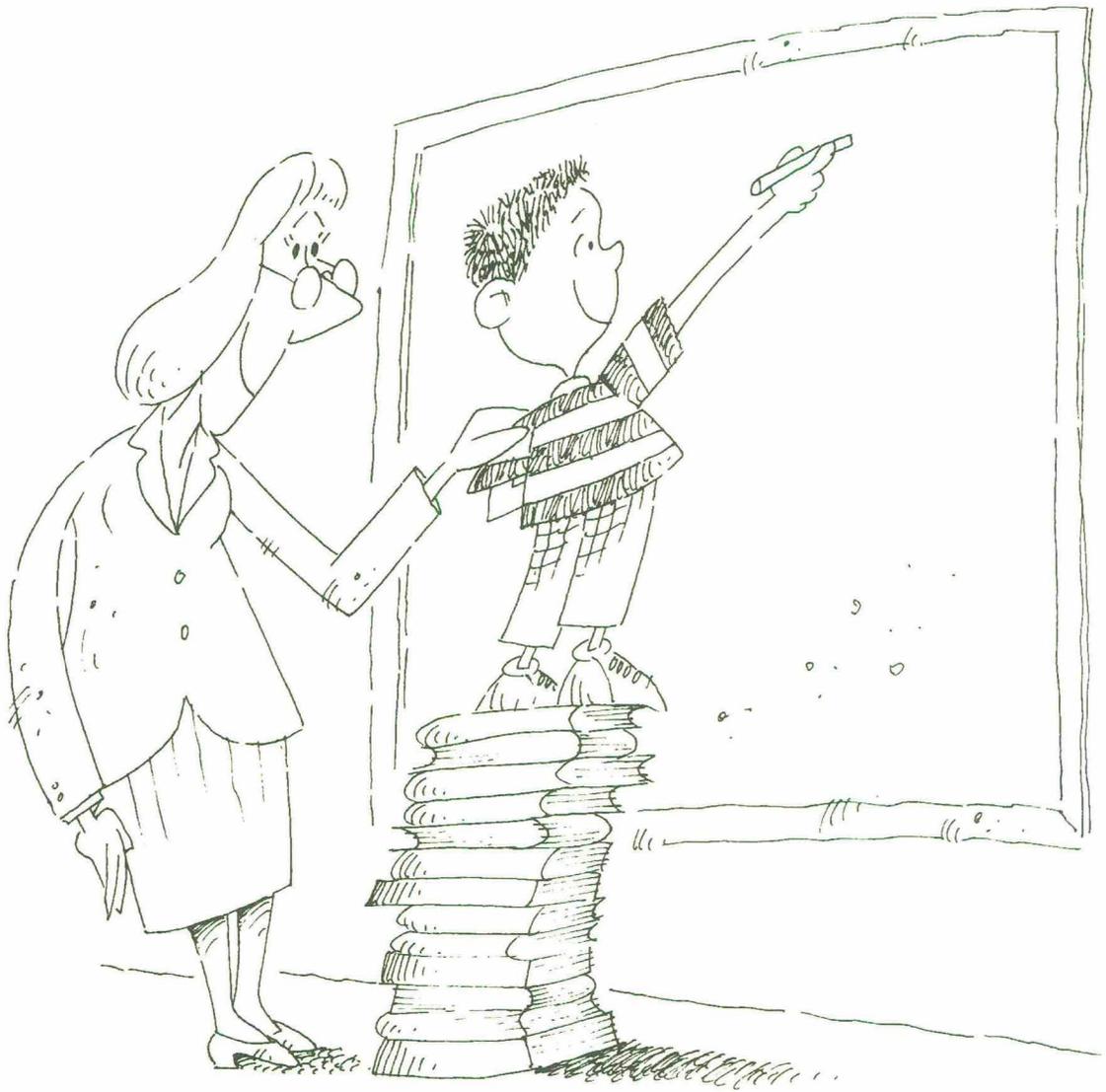
OUTROS PARÂMETROS A CONSIDERAR



TEMOS QUE LEVAR em conta as diretrizes gerais, leis e pareceres estabelecidos em nível nacional e local, cujo objetivo é dar unidade ao currículo do ensino fundamental no país. No entanto, como o próprio nome diz, são diretrizes e não camisas-de-força. A escola pode e deve, portanto, ocupar o espaço que lhe cabe, colocando em questão o que é próprio dela no seu currículo.

OS PRESSUPOSTOS teórico-metodológicos, ou eixos principais, de cada disciplina do currículo já estabelecem, por si só, uma certa direção na seleção de conteúdos e nos procedimentos didáticos em sala de aula. Os professores precisam conhecer bem os de sua área, para poderem optar por direções mais adequadas, com bastante segurança. Faz diferença, por exemplo, trabalhar a Geografia com base nos pressupostos teóricos tradicionais, com a preocupação de observar e descrever a paisagem física e humana, ou com base em pressupostos mais avançados, procurando estudar a sociedade humana a partir da dimensão espacial. A seleção e o tratamento dos conteúdos serão bastante diferentes, dependendo da concepção de área que se adote.

ALÉM DA LINHA de cada área ou disciplina específica, é preciso pensar na diretriz metodológica mais geral, adotada na escola. A partir da concepção que tivermos dos processos de conhecimento, ensino e aprendizagem, essa diretriz poderá ser amadurecida e explicitada. Assim, será possível organizar experiências e situações de aprendizagem coerentes entre si, ainda que guardem diferenças por conta da especificidade de cada área. Por exemplo, essa direção comum pode ser traduzida em um princípio básico, como partir sempre do cotidiano, do próximo, da cultura dos alunos e daí avançar para novos problemas.



O LIVRO DIDÁTICO também não pode ser ignorado. Sua presença tem sido muito forte na prática pedagógica dos professores, constituindo-se, às vezes, no único referencial para seu trabalho em sala de aula. Essa situação precisa ser revertida. O professor é o sujeito que dá a direção e o livro didático, um recurso de apoio. Portanto, não pode ser absolutizado, mas considerado como um dos instrumentos de trabalho, a serviço de uma ação pedagógica planejada pelo professor.

**O LIVRO DIDÁTICO
É INSTRUMENTO,
NÃO É GUIA, E
PODE SER FAÇA
DE DOIS GUMES.**

OUTRO CUIDADO QUE É PRECISO TER com o livro didático é em relação ao conteúdo ideológico que ele veicula. É preciso analisar se são apresentadas situações reais ou estereotipadas, se elas contribuem para ampliar as informações e alimentar discussões, ou se tratam dos fatos de forma parcial e tendenciosa.

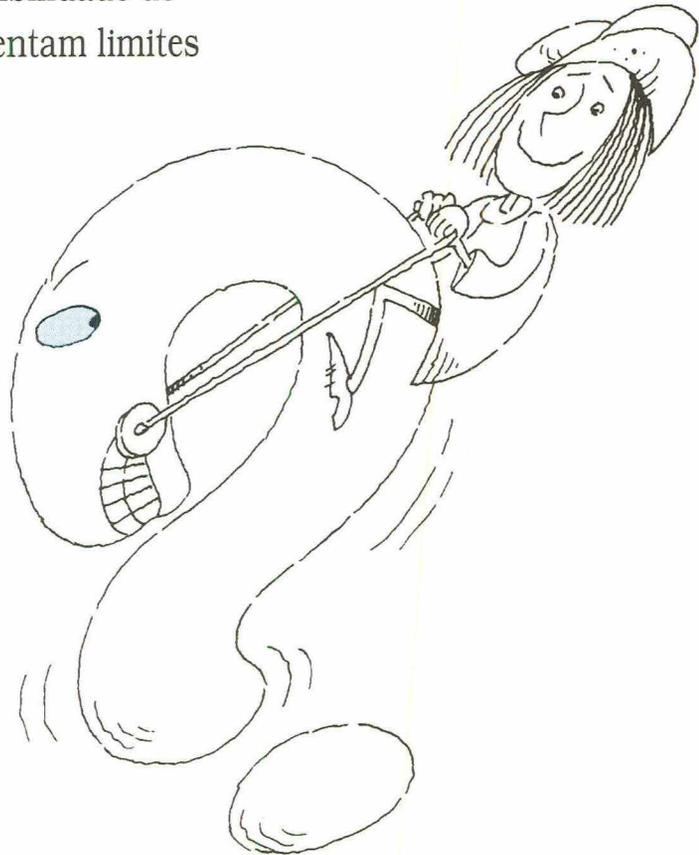
AS CONDIÇÕES peculiares da escola também interferem nos recortes curriculares.

ASSIM, QUESTÕES FUNCIONAIS como a carga horária das disciplinas, a existência ou não de equipamentos e livros, o regime e as condições de trabalho dos professores e a possibilidade de desenvolver trabalho coletivo representam limites ou possibilidades reais para o trabalho pedagógico.

A SITUAÇÃO ECONÔMICO-CULTURAL e as necessidades específicas dos alunos da comunidade a que ela serve são também determinantes fundamentais na escolha adequada dos conteúdos a serem trabalhados.

COM TANTA COISA A CONSIDERAR ao mesmo tempo, como tomar nas mãos o currículo?

A PRÓPRIA ESCOLA
E SUA REALIDADE
TAMBÉM
DIRECIONAM A
CONSTRUÇÃO DO
CURRÍCULO.

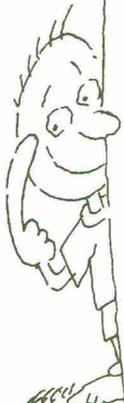


POR ONDE COMEÇAR?



Para variar, um bom começo é discutir com os outros professores...

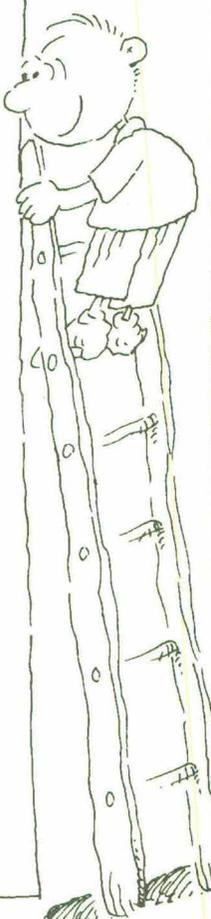
Sobre O QUE ensinamos:



O QUE ESTAMOS
ENSINANDO TEM
CONTRIBUÍDO PARA
QUE NOSSOS
ALUNOS
DESENVOLVAM
COMPREENSÃO DO
MUNDO EM QUE
VIVEMOS?



QUAIS SÃO OS
GRANDES DESAFIOS
DESSE MUNDO? EM
QUE MEDIDA ELES
NOS AFETAM E A
NOSSOS ALUNOS?



OS CONTEÚDOS
CURRICULARES QUE
TRABALHAMOS
FAVORECEM O
DESENVOLVIMENTO
DE UMA VISÃO
CRÍTICA DESSES
PROBLEMAS, OU SEJA,
AJUDAM OS ALUNOS
A ASSUMIR UM
POSICIONAMENTO
FRENTE A ELES, COMO
INDIVÍDUOS E
CIDADÃOS?



QUE CONTEÚDOS
DEVEM SER
PRIORIZADOS, EM
CADA UMA DAS
DISCIPLINAS, PARA
QUE OS ALUNOS
ALCANCEM O
ENTENDIMENTO DAS
GRANDES QUESTÕES
HUMANAS?



Sobre O COMO ensinamos:

1
COMO FAZEMOS
PARA DESENVOLVER
OS CONTEÚDOS DE
NOSSAS DISCIPLINAS
NO DIA-A-DIA DA SALA
DE AULA?

4
QUE POSSIBILIDADES
DE PARTICIPAÇÃO ELES
OFERECEM AOS
ALUNOS? ATENDEM
ÀS SUAS DIFERENÇAS?
COMO?

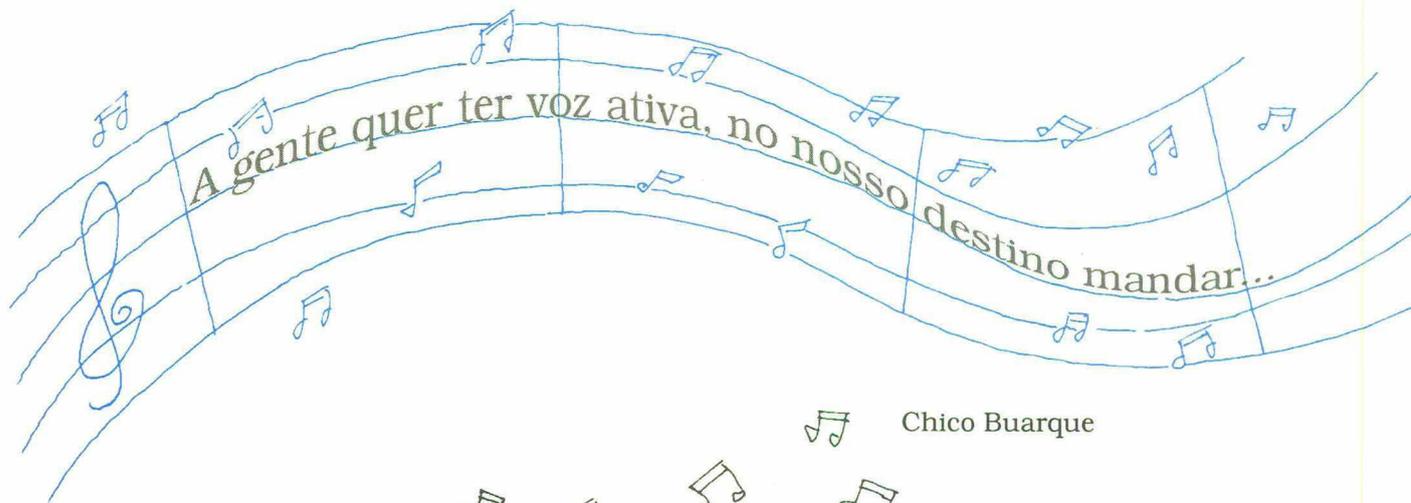
2
QUE PROCEDIMENTOS
ADOTAMOS PARA
ENCAMINHAR OS
ASSUNTOS E
GARANTIR QUE SEJAM
APRENDIDOS?

5
QUE RECURSOS
DIDÁTICOS (LIVROS,
JORNAIS, REVISTAS,
PROGRAMAS DE TV,
MAPAS, ATLAS,
DICIONÁRIOS ETC.)
TEMOS USADO?
POR QUÊ?

3
COMO JUSTIFICAMOS
A ESCOLHA DOS
PROCEDIMENTOS
COM BASE NOS
FUNDAMENTOS DA
NOSSA DISCIPLINA?

6
ESTAMOS ENSINANDO
E OS ALUNOS
APRENDENDO?





TOMAR O DESTINO DE QUALQUER AÇÃO da nossa vida nas mãos exige, fundamentalmente, e antes de mais nada, reflexão.

É SÓ PENSANDO sobre os fatores que condicionam uma determinada situação, seja pessoal ou social, que tomamos consciência dos nossos limites e possibilidades e então podemos fazer transformações.

O CURRÍCULO
NAS MÃOS ...

SENDO ASSIM, tomar o currículo nas mãos significa instalar, na escola, uma reflexão conjunta dos educadores sobre os fatores externos e internos que condicionam a seleção e organização dos conteúdos curriculares, tendo como pano de fundo as grandes questões sociais contemporâneas.

NÃO SE TRATA DE COMEÇAR TUDO DE NOVO, nem de inventar um currículo original. Trata-se, sim, de rever o currículo adotado na escola, com uma visão crítica dos parâmetros que o estão direcionando, para ir fazendo, gradativamente, os ajustes e as reorientações necessárias, sempre na direção pretendida – de compreensão do mundo.

...E OS OLHOS
NO MUNDO

ESSE MOVIMENTO É CONTÍNUO. Não pode parar, porque o mundo não pára. As mudanças são rápidas e muitas, em todos os campos da atividade humana. Então, precisamos ficar atentos às novas questões que ele nos coloca e às tentativas das áreas do conhecimento de respondê-las, que costumam ser veiculadas através de vários recursos: publicações em revistas especializadas e livros, congressos, debates e cursos.

NESSA PERSPECTIVA, o professor assume a condição de pesquisador, investigando o mundo, o conhecimento e sua própria prática. É assim que o grupo de professores pode buscar o equilíbrio entre os diferentes fatores que interferem no currículo, considerados de uma forma realista, e construir a proposta curricular de sua escola, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino.



Já não sonho, hoje faço, com meu braço, o meu viver.

Milton Nascimento

Alguns textos de apoio:

AZAMBUJA, Leonardo. A seleção/organização dos conteúdos escolares de Geografia para o ensino de 1o grau. *Revista Espaços da Escola*, Ijuí, n.3, p.6-11, jan/mar.1992.

BARCELOS, Eronita S. O currículo: espaço pedagógico para a construção da qualidade do ensino. *Revista Espaços da Escola*, Ijuí, n.3, p.6-11, jan/mar.1992.

BARRETO, Vicente. Educação e violência: reflexões preliminares. In: ZALUAR, Alba (org.) *Violência e educação*. São Paulo: Cortez, 1992. p.55-64.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. Cap. A escola, ou a vida entre parênteses. p.97-105.

GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. São Paulo: Cortez, 1992.

FRARE, José Luís. O sucesso das multisseriadas gaúchas. *Nova Escola*, São Paulo, v.5, n.38, p.10-18, abr.1990.

LUCKESI, Cipriano C. Planejamento e avaliação na escola: articulação e necessária determinação ideológica. *Idéias [FDE]*, São Paulo, n.15, p.115-25, 1992.

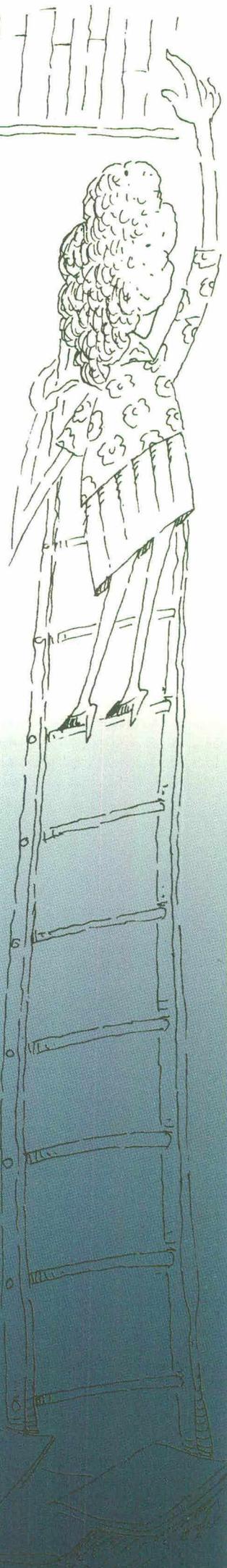
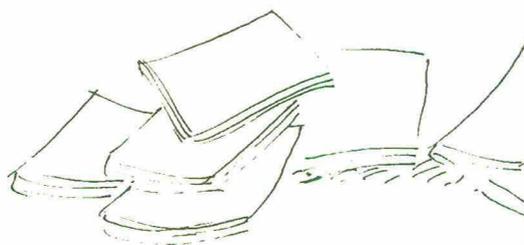
MOREIRA, Antonio Flávio. Reflexões sobre o ensino de currículos e programas no Rio de Janeiro. *Revista ANDE*, São Paulo, v.10, n.17, p.41-50, 1991.

PINO, Angel. Escola e cidadania: apropriação do conhecimento e exercício de cidadania. In: CBE – Conferência Brasileira de Educação. *Sociedade civil e educação*. São Paulo: CBE ; Papyrus, 1992. p.15-25.

SEVERINO, Antonio J. A escola e a construção da cidadania. In: CBE – Conferência Brasileira de Educação. *Sociedade civil e educação*. São Paulo: CBE ; Papyrus, 1992. p.9-14.

SILVA, Teresinha M. N. *A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador*. São Paulo: E.P.U., 1990.

WARDE, Myrian J. Considerações sobre a autonomia da escola. *Idéias [FDE]*, São Paulo, n.15, p.83-96, 1992.





Coordenação Geral

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária

Autoras

Maria Alice Setubal (Coordenadora)
Alice Davanço Quadrado
Maria Amábile Mansutti
Maria das Mercês Ferreira Sampaio
Maria Estela Bergamim
Maria José Reginato Ribeiro
Marta Wolak Grosbaum
Raquel Léa Brunstein
Zita Porto Pimentel

Preparação de Originais

Maria das Mercês Ferreira Sampaio
Maria José Reginato Ribeiro
Marta Wolak Grosbaum
Tina Amado

Edição de Texto

Tina Amado

Edição de Arte

Eva Paraguassú de Arruda Câmara
José Ramos Néto

Ilustração

Michele Iacocca

Iniciativa

Fundação Itaú Social
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Coordenação

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária

Agradecimentos

Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre
Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul
Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, MG
Secretaria Municipal de Educação de Campina Grande, PB
Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá, MT
Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS
Secretaria Municipal de Educação de Itajaí, SC
Secretaria Municipal de Educação de Jaguaré, ES
Secretaria Municipal de Educação de Maranguape, CE
Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa, PR
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, RS
Secretaria Municipal de Educação de Recife, PE
Secretaria Municipal de Educação de Senador Canedo, GO
Fundação S.O.S. Amazônia
Escola Básica Aníbal César, Itajaí, SC
Escola Comunitária Rural do Giral, Jaguaré, ES
Escola Estadual Arlindo de Andrade Gomes, Campo Grande, MS
Escola Estadual Senador Adalberto Senna, Rio Branco, AC
Escola Municipal da Iputinga, Recife, PE
Escola Municipal de Primeiro Grau Benício Pereira Lima, Senador Canedo, GO
Escola Municipal de Primeiro Grau Cacilda Becker, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Carlos de Andrade Rizzini, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Demócrito Rocha, Maranguape, CE
Escola Municipal de Primeiro Grau Desembargador Amorim Lima, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Dora Tomich Laender, Belo Horizonte, MG
Escola Municipal de Primeiro Grau Gilberto Jorge da Silva, Porto Alegre, RS
Escola Municipal de Primeiro Grau Presidente João Pinheiro, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Raul Pinheiro Machado, Ponta Grossa, PR
Escola Municipal de Primeiro Grau Soares de Barros, Ijuí, RS
Escola Municipal de Primeiro Grau Tereza Benguela, Cuiabá, MT
Escola Reitor Álvaro Augusto Cunha Rocha (CAIC), Ponta Grossa, PR
Grupo Escolar Dr. José Tavares (CEAI-1), Campina Grande, PB
Labor Escola de Primeiro Grau Herman Gmeiner, São Paulo, SP



INICIATIVA



Fundação Itaú
Social



APOIO

**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**

COORDENAÇÃO



CENPEC

